

Tão bonita, a casa em direção à qual dei por mim a mergulhar, ao mesmo tempo que, durante a descida, adquiria braços, mãos, pernas, pés, todos estes, como de costume, ganhando mais substância a cada segundo que passava.

Em baixo: uma fonte.

No centro da fonte: uma estátua com revestimento dourado.

De um cão. (Alguém devia ter gostado muito dele.)

Na boca do cão dourado: um pato dourado. Na morte, o bico do pato pendia, entreaberto, com uma zona esburacada no flanco parecendo representar a entrada dos tiros.

Tudo isto observei enquanto mergulhava, depois a minha cabeça e o meu tronco atravessaram a superfície asfaltada de um acesso semicircular e alojaram-se na terra batida por baixo.

Fiquei de traseiro no ar, com as minhas impecáveis pernas novas a pedalarem energeticamente. Dei por mim vestida e despidada, em alternância. Ou seja: num instante, nua, no outro, vestida. Para ser mais precisa: parcialmente vestida. (Com o tempo, claro, os elementos da minha roupa assumiram uma visibilidade mais fiável.)

A minha saia bege tornou-se praticamente uma constante.

Entretanto, foi preciso tomar em consideração uma minhoca, um caco de garrafa de vidro castanho e o cheiro forte do barro que já revestia completamente a minha metade superior (invertida).

Uma vez, no Tennessee, depois de aterrar verticalmente, uma postura mais convencional, passei seis horas num cercado, com a cabeça a espreitar à superfície do terreno atravessado a trote, uma e outra vez, por três cavalos negros e um ruão, que nunca, durante estas horas, deixaram de estar em pânico devido à minha presença.

E, no entanto, alcancei um belo sucesso nessa ocasião.

A pessoa a meu cargo sentiu-se muito reconfortada.

Esta noite, afortunadamente, o degelo prosseguiu a bom ritmo.

E percebi que era capaz, só com a força de vontade, de irromper agilmente do solo para me erguer, vestida não só dos pés à cabeça, mas também de um modo que fazia sentido.

Saia bege, blusa rosa-pálido, saltos altos pretos.

O cão dourado rebrilhou à luz agressiva do lampião decorativo no jardim.

Avancei para a porta da frente, mas, como não andava competentemente, desmoronei-me na terra como uma marioneta que tivessem acabado de libertar dos cordéis; levantei-me com um salto, no entanto, e prossegui implacavelmente, para fazer o meu trabalho.

A porta (enorme, pesada, com tranca de segurança) não foi impedimento de monta. Depois de a transpor, emergi numa entrada magnífica para então subir uma escadaria ampla, decorada com imagens e imagens da pessoa a meu cargo:

Apoiando-se com confiança num púlpito, falando para uma multidão impressionante.

Acocorado, com um sujeito de *kaffiyeh*, à frente da Grande Pirâmide de Gizé.

Com água até aos joelhos na zona pouco funda de um lago na montanha, ao lado de uma rapariga que me pareceu sua filha.

A manobrar (só a fingir) maquinaria pesada, de capacete e fato de três peças.

A posar à frente de uma plataforma petrolífera.

E outra.

E mais outra.

Com a mulher, na Grande Muralha da China, ambos radiantes, como se fosse um momento único nesta união.

De braço dado com ela no que parecia o Roseiral da Casa Branca. Mais uma vez com ela, à frente do que me pareceu uma segunda habitação, no Colorado.

Uma terceira casa, no Havai.

E a quarta, em Key West.

Muitas vezes, na cara dele, a mesma expressão: mais careta do que sorriso, ainda que perpassada por uma dose de boa vontade forçada.

Quando cheguei ao segundo andar, percorri um corredor com numerosos quadros em molduras douradas, sempre com uma placa com informação sobre a experiência que a pessoa a meu cargo e a mulher associavam à sua aquisição:

“Jantar agradável na falésia, Positano.”

“Visita às catacumbas, Paris, Pavarotti cantou maravilhosamente para nós depois do jantar.”

“Convidado do senador e de Maria Jepps na sua fabulosa casa no deserto.”

Ao fundo do corredor, pairava uma porta dupla de carvalho maciço.

Quando uma conhecida bolsa bege me apareceu pendurada no ombro, dei-lhe (uma, duas) pancadinhas, como noutros tempos teria feito antes de começar uma tarefa difícil, depois passei para o outro lado, sabendo que aí encontraria a pessoa meu cargo.

E lá estava ele.

Um sujeito minúsculo e encarquilhado, numa cama enorme de mogno.

Não cheguei demasiado tarde.

Nem demasiado cedo.

A mulher, exausta de preocupação, dormia completamente vestida num sofá de dois lugares, perto da cama. Os seus chinelos estavam no chão, voltados um para o outro, como se calçados por alguém invisível, de pés virados para dentro.

Mas com ela não tinha eu de me preocupar.

O pijama da pessoa a meu cargo era de seda, com um monograma com as suas iniciais por cima do coração.

Aproximando-me, entrei na órbita dos seus pensamentos.

Dentro dele, residia uma formidável teimosia. Corria-lhe nas veias um fluxo constante de satisfação, triunfo até, em relação a tudo o que tinha conseguido fazer, ver, causar e criar, sobretudo por ter origens humildes.

Procurei dúvidas em relação às coisas que tinha feito ou deixado por fazer; coisas que podia ter dito, mas não dissera; erros que ainda não tivesse admitido plenamente, todos os quais poderiam impedi-lo de atingir o estado de paz total tão desejável neste momento.

E não encontrei nada, ou quase nada.

Nunca uma pessoa a meu cargo fora tão segura de si.

Mesmo agora, quando esta medonha doença se apoderava dele.

Voltei a sentir o afeto do costume, familiar e generalizado:

À minha frente, estava uma pessoa que não tinha vindo a este mundo por escolha própria e agora ia ser obrigada a sair à força; os numerosos subsistemas internos que tanta satisfação lhe tinham dado encerravam agonicamente. *Ela* não tardaria a aparecer, acompanhada de descrença e pânico; ele encontrar-se-ia do lado errado de uma porta a fechar-se rapidamente, com tudo o que alguma vez conhecera e amara fora do seu alcance, *acolá*, além.

Nestes momentos, a minha tarefa agradava-me particularmente.

Podia reconfortar.

Pois podia.

Passei para a janela, para estimular e ativar a parte de mim a partir da qual reconfortava, espreitando indulgentemente o esplendor de tudo-o-que-existe.

Para minha surpresa, lá em baixo, perto da estátua do cão dourado, estava um de nós, a olhar para cima.

Tinha de ser um de nós, porque parecia capaz de me ver.

E, por meio de uma série complicada de gestos, começou a rogar-me que lhe fizesse o favor de sair de casa e flutuasse até lá abaixo, porque ele me queria dar uma palavrinha, por obséquio.

Saí atravessando a parede; o sossego cediço do quarto da morte deu lugar ao cheiro do ar húmido no exterior e ao agradável

estridular noturno das cigarras, estando eu já com todas as roupas definidas e permanentes, um desenvolvimento feliz, tendo em conta que tenho de saudar este novo conhecimento.

O sujeito parecia exausto, como se tivesse percorrido uma grande distância para estar ali. Envergando a indumentária grosseira de um mecânico ou engenheiro ferroviário, erguia a custo o peso de uma impressionante pilha de documentos, de que nem se via o topo entre as nuvens baixas do meio do verão. Sendo tão alta, a pilha existia num estado de oscilação constante; para a impedir de desabar, ele tinha de ajustar constantemente a postura.

Era, sem dúvida, um de nós.

Isto porque, através do seu corpo, eu via o tronco de um carvalho do outro lado da rua.

Num inglês fluente, mas com sotaque, implorou-me: Será que eu lhe dava licença de subir àquele quarto durante breves momentos, por cortesia? *Est-il possible?* Ele compreendia que isto podia constituir uma interrupção inconveniente do meu trabalho. Que talvez ainda não tivesse começado a sério? Tinha em sua posse determinadas informações que achava que seriam vantajosas. À pessoa a meu cargo. Além disso, para ser completamente transparente...

Mas é, salientei. Completamente.

Rimo-nos juntos.

Para ser completamente *franco*, reformulou, são vantajosas também para mim. Ficaria muito grato. Garanto que não vou fazer mal: *Je vous promets*.

Estava com um ar tão desanimado, que me despertou compaixão. Tinha a roupa esfarrapada, estava sujíssimo, com pó da estrada, os sapatos eram meras tiras de couro, viam-se bolhas nos seus pés ensanguentados.

E, se possível, acrescentou, preferia subir sozinho.

Sozinho, disse eu.

*S'il vous plaît*, respondeu.

É uma tarefa hercúlea, aquela que aos nossos cabe. Pertencíamos a uma espécie de guilda que, para funcionar, dependia destas trocas de gestos de cortesia.